



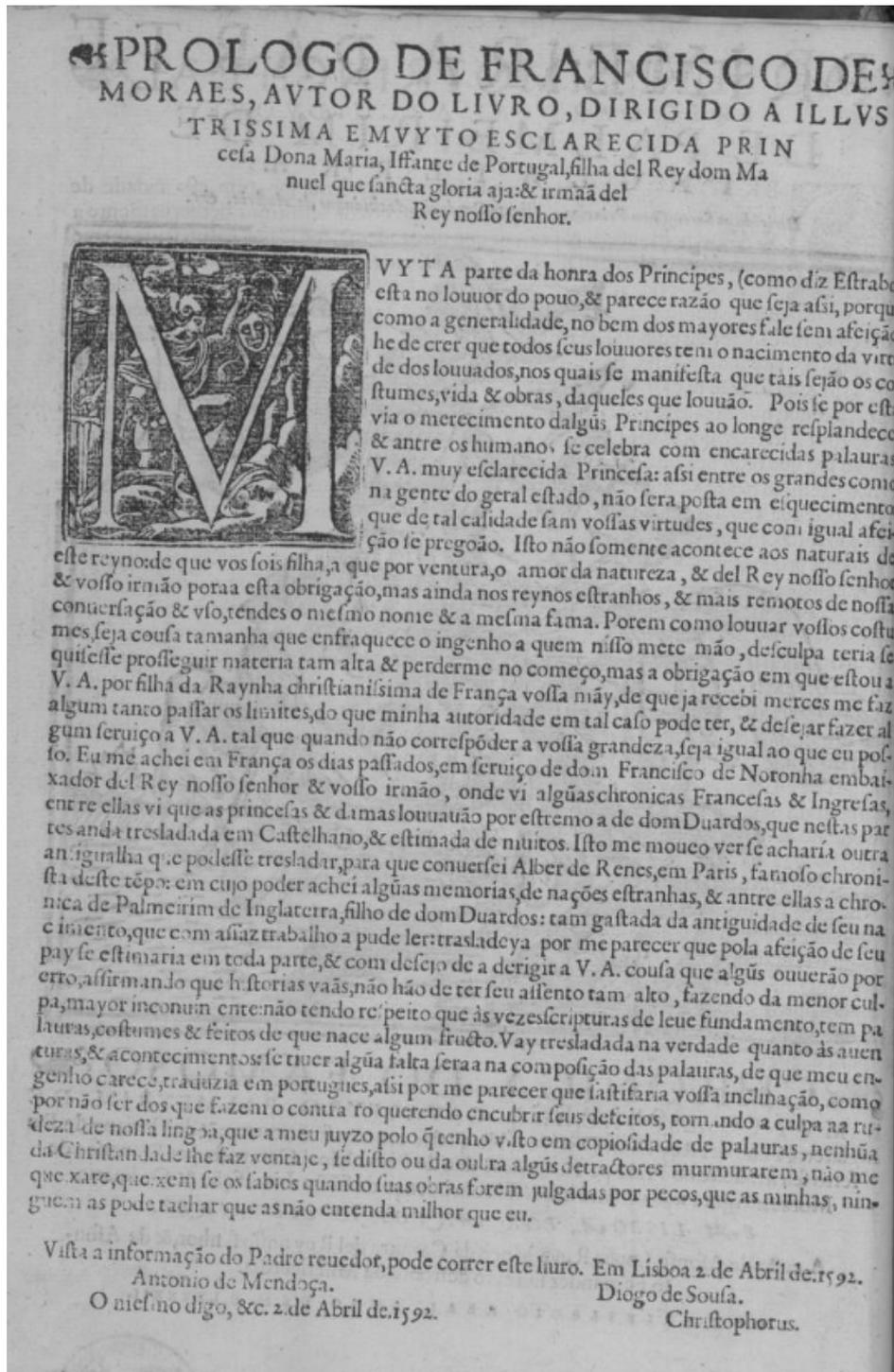
UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Palmeirim de Inglaterra (Parte I) 1592- Prólogo

Fac-símile

[[1r]]





UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Edição paleográfica

[[1r]] PROLOGO DE FRANCISCO DE | MORAES, AVTOR DO LIVRO ,
DIRIGIDO A ILLVS | TRISSIMA E MUYTO ESCLARECIDA PRIN | cesa Dona Maria,
Iffante de Portugal, filha del Rey dom Ma | nuel que fancta gloria aja: & irmaã del | Rey
noffo senhor. | [*letra inicial enquadrada e decorada, ocupando 12 linhas*] [M]VYTA parte da honra
dos Principes, (como diz Estrabo) | esta no louuor do pouo, & parece razão que seja afsi,
porque | como a generalidade, no bem dos mayores fale sem afeição, | he de crer que todos
seus louuores tem o nacimiento da virtu|de dos louuados, nos quais se manifesta que tais
sejão os co- | stumes, vida & obras, daqueles que louuão. Pois se por esta | via o merecimento
dalgũs Principes ao longe resplandece, | & antre os humanos se celebra com encarecidas
palauras, | V. A. muy esclarecida Princefa: afsi entre os grandes como | na gente do geral
estado, não fera pofta em efquecimento: | que de tal qualidade sam voffas virtudes, que com
igual afei- | ção se pregoão. Isto não fomite acontece aos naturais de | este reyno: de que
vos loís filha, a que por ventura, o amor da natureza, & del Rey noffo senhor | & voffo
irmão poraa esta obrigação, mas ainda nos reynos efranhos, & mais remotos de noffa |
conuerfação & vfo, tendes o mefmo nome & a mefma fama. Porem como louuar voffos
coftu | mes, seja coufa tamanha que enfraquece o ingenho a quem niffo mete mão, desculpa
teria se | quifeffe proffeguir materia tam alta & perderme no começo, mas a obrigação em
que eftou a | V. A. por filha da Raynha chriftianiffima de França voffa mãy, de que ja recebi
merces me faz | algum tanto passar os limites do que minha autoridade em tal cafo pode ter,
& defejar fazer al | gum feruiço a V. A. tal que quando não correponder a voffa grandeza,
seja igual ao que eu pos- | fo. Eu me achei em França os dias passados, em feruiço de dom
Francifco de Noronha embai- | xador del Rey noffo senhor & voffo irmão, onde vi algũas
chronicas Francefas & Ingrefas, | entre ellas vi que as princefas & damas louuauão por
eftremo a de dom Duardos, que nestas par | tes anda tresladada em Caftelhano, & eftimada
de muitos. Isto me moueo ver se acharia outra | antigualha que podeffe tresladar, para que
conuerfei Alber de Renes, em Paris, famofo chroni- | fta deste tẽpo: em cujo poder achei
algũas memorias, de nações efranhas, & antre ellas a chro- | nica de Palmeirim de Inglaterra,
filho de dom Duardos: tam gaftada da antiguidade de feu na | cimento, que com affaz
trabalho a pude ler: trasladeya por me parecer que pola afeição de feu | pay se eftimaria em
toda parte, & com defejo de a derigir a V. A. coufa que algũs ouuerão por | erro, affirmando
que historias vaãs, não hão de ter feu affento tam alto, fazendo da menor cul- | pa, mayor
inconueniente: não tendo re peito que às vezes fcripturas de leue fundamento, tem pa |
lauras, coftumes & feitos de que nace algum fructo. Vay tresladada na verdade quanto às
auen | turas, & acontecimentos: se tiuer algũa falta feraa na compozição das palauras, de que
meu en- | genho carece, traduzia em portugues, afsi por me parecer que fastifaria voffa
inclinação, como | por não fer dos que fazem o contra ro querendo encubrir seus defeitos,
tornando a culpa na ru- | deza de noffa lingoa, que a meu juyzo polo q tenho visto em
copiofidade de palauras, nenhũa da Chrifandade lhe faz ventaje, se difto ou da outra algũs
detractores murmurarem, não me | que xare, queixem se os fabios quando fuas obras forem
julgadas por pecos, que as minhas, nin- | guem as pode tachar que as não entenda melhor
que eu. | Vista a informação do Padre reuedor, pode correr este liuro. Em Lisboa.2.de Abril
de.1592 | Antonio de Mendoça. Diogo de Soufa. | O mefmo digo, &c. 2.de Abril de.1592.
Christophorus.



Edição crítica

[{1r}] Prólogo de Francisco de Moraes, autor do livro, dirigido a Ilustríssima e muito esclarecida princesa dona Maria, infante de Portugal, filha d'El-Rei dom Manuel, que santa glória haja, e irmã d'El-Rei, nosso senhor.

Muita parte da honra dos Príncipes, como diz Estrabo, está no louvor do povo, e parece razão que seja assi, porque, como a generalidade no bem dos maiores fale sem afeição, é de crer que todos seus louvores têm o nascimento da virtude dos louvados, nos quais se manifesta que tais sejam os costumes, vida e obras daqueles que louvam. Pois, se, por esta via, o merecimento d'alguns príncipes ao longe resplandece e antre os humanos se celebra com encarecidas palavras, Vossa Alteza, mui esclarecida Princesa, assi entre os grandes como na gente do geral estado, não será posta em esquecimento, que de tal qualidade são vossas virtudes, que com igual afeição se pregoam. Isto não somente acontece aos naturais deste reino, de que vós sois filha, a que, por ventura, o amor da natureza e d'El-Rei, nosso senhor e vosso irmão, porá esta obrigação, mas ainda nos reinos estranhos e mais remotos de nossa conversação e uso tendes o mesmo nome e a mesma fama. Porém, como louvar vossos costumes seja cousa tamanha que enfraquece o ingenho a quem nisso mete mão, desculpa teria se quisesse prosseguir matéria tão alta e perder-me nò começo. Mas a obrigação em que estou a Vossa Alteza, por filha da Rainha Cristianíssima de França, vossa mãe, de que já recebi mercês, me faz algum tanto passar os limites do que minha autoridade em tal caso pode ter e desejar fazer algum serviço a Vossa Alteza, tal que quando não corresponder a Vossa Grandeza, seja igual ao que eu posso.

Eu me achei em França os dias passados em serviço de dom Francisco de Noronha, embaixador d'El-Rei, nosso senhor e vosso irmão, onde vi algũas crónicas francesas e inglesas. Entre elas vi que as princesas e damas louvavam por estremo a de *Dom Duardos*, que nestas partes anda tresladada em castelhano e estimada de muitos. Isto me moveo ver se acharia outra antigualha que podesse tresladar, para que conversei Alber de Renes, em Paris, famoso cronista deste tempo, em cujo poder achei algũas memórias de nações estranhas, e antre elas, a *Crónica de Palmeirim de Inglaterra, filbo de dom Duardos*, tão gastada da antiguidade de seu nascimento, que com assaz trabalho a pude ler. Trasladei-a por me parecer que pola afeição de seu pai se estimaria em toda parte, e com desejo de a derigir a Vossa Alteza, cousa que alguns houverão por erro, afirmando que histórias vãs não hão de ter seu assento tão alto, fazendo da menor culpa maior inconveniente, não tendo respeito que às vezes escrituras de leve fundamento têm palavras, costumes e feitos de que nace algum fruto, vai tresladada na verdade quanto às aventuras e acontecimentos. Se tiver algũa falta será na composição das palavras, de que meu ingenho carece. Traduzi-a em português, assi por me parecer que sastifaria vossa inclinação, como por não ser dos que fazem o contrario querendo encubrir seus defeitos, tornando a culpa na rudeza de nossa língua, que a meu juízo, polo que tenho visto, em copiosidade de palavras nenhũa da cristandade lhe faz ventaje. Se disto ou da outra alguns detractores murmurarem, não me quexare, quexem-se os sábios quando suas obras forem julgadas por pecos, que as minhas ninguém as pode tachar que as não entenda melhor que eu.

Vista a informação do padre revedor, pode correr este livro.

Em Lisboa, de Abril de 1592. António de Mendoza. Diogo de Sousa. O mesmo digo, etc. 2 de Abril de 1592. Cristoforus.



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “Paratextos do *Palmeirim de Inglaterra I-II (1592)*: prólogo”, em *O Universo de Almoúrol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.

